

Desenvolvimento e rivalidades: esboço da representação literária do espaço urbano benguelense nos romances *Yaka* e *Jaime Bunda e a morte do americano*, de Pepetela.

Luiz Maria Veiga¹

RESUMO: Nos romances de Pepetela *Yaka* e *Jaime Bunda e a morte do americano* o cenário principal é Benguela. Estudamos, neles, a representação do desenvolvimento urbano, do fim do século XIX até o começo do XXI, e o diálogo (áspero) entre esta cidade e Luanda. Os habitantes da cidade do sul parecem explicitar constantemente uma espécie de rivalidade ressentida quando se referem à capital.

ABSTRACT: The main setting in Pepetela's novels *Yaka* and *Jaime Bunda and the Death of the American* is the city of Benguela. In both texts we learn about the urban development of the city, from the late 19th up to the early 21st century, as well as about its (rather harsh) relationship with Luanda. The people of the southern city of Benguela quite often seem to express a kind of resentful rivalry whenever referring to the capital city of Luanda.

PALAVRAS-CHAVE: desenvolvimento urbano; descolonização; rivalidades regionais; sátira e crítica políticas.

KEY-WORDS: urban development; decolonization; regional rivalries; political satire and criticism.

Uma outra cidade

Na “Introdução” ao seu trabalho de livre-docência, a professora Tania Macedo demonstra exaustivamente a importância central de Luanda, sua condição de “imagem símbolo de Angola”², e acrescenta:

¹ Mestrando em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, FFLCH-USP. Pesquisa: Retrato do colonizador e do colono: a representação da minoria branca em algumas obras de literatura angolana. Ficcionista. Endereço eletrônico: veigaluiz@uol.com.br

² Tania Macedo, *Uma cidade e sua escrita: a representação literária de Luanda*, p. 10.

Não causa espécie, portanto, que a cidade seja referência obrigatória no imaginário nacional e cenário privilegiado da literatura produzida no país. Dessa forma, cremos que estudar a literatura produzida em Angola é obrigatoriamente referir-se a Luanda, sua história e sua gente.³

Inspirados pela leitura desse trabalho e para fazer, ao mesmo tempo, um contraponto e um diálogo com essa quase onipresente (na literatura angolana) Luanda, escolhemos dois romances em que o espaço representado é, principalmente, o da cidade de Benguela. Ambos romances foram escritos por Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, muito mais conhecido como Pepetela. O fato do autor ter nascido na cidade de que nos ocuparemos poderia nos levar a uma conclusão apressada: ser esse o motivo que o fez situar os dois romances fora da capital do país. Mas, se pensarmos na já vasta obra romanesca de Pepetela, notaremos que ele, talvez um pouco à maneira do que fez José de Alencar para a literatura brasileira, parece querer mapear literariamente o território de seu país. Em *As aventuras de Ngunga* (1977), *Mayombe* (1980) e *Parábola do cão velho* (1996) o espaço é o do *mato*, a versão local do *campo* que se opõe à *cidade*. Em *Yaka* (1985) e *Jaime Bunda e a morte do americano* (2003), os romances de que nos ocuparemos, encontramos, além da já mencionada Benguela, passagens por e referências a outros núcleos urbanos, maiores ou menores: Lobito, Catumbela, Huambo. Mas o tributo a Luanda não deixa de ser pago: a capital é cenário, senão único, pelo menos parcial, nas obras *O cão e os caluandas* (1985), *Lueji o nascimento de um império* (1990), *A geração da utopia* (1992), *O desejo de Kianda* (1995), *A gloriosa família* (1997), *Jaime Bunda agente secreto* (2001) e *Predadores* (2005). Como se vê, também na obra de Pepetela Luanda ocupa uma posição central como cenário.

Primeiro procuraremos, nos textos dos romances, a representação do desenvolvimento urbano de Benguela do fim do século XIX até o começo do XXI. O contraponto com Luanda será feito a partir do diálogo

³ Idem, p. 11.

(áspero) entre as duas cidades, estabelecido numa espécie de rivalidade ressentida que os habitantes da cidade do sul explicitam constantemente quando se referem à capital.

Os grandes quintais

O romance *Yaka* acompanha a vida do personagem Alexandre Semedo, português de segunda, ou seja, branco natural de Angola, não da metrópole, de seu nascimento, em 1890, à sua morte, em 1975, que é também o ano do fim do regime colonial. Ao longo desse tempo a família Semedo povoa o romance, desde o pai de Alexandre, Óscar Semedo, até seu bisneto, Joel. A primeira imagem da cidade que o romance apresenta evoca sua origem histórica de porto do tráfico negreiro.

Benguela dos quintalões. Quintalões onde os escravos dos Ganguelas, do Bié, da Lunda, dos Lozi e de mais longe ainda, da costa oriental da África, vinham parar. (...) Quintalões de muro alto que escondiam cubatas e mangueiras, vigiados por vimballi atentos, dedilhando kissanjes.⁴

O destino desses quintalões é anunciado muito adiante, no romance: “libertados dos muros (...) se construía casas novas lá dentro”; ou eram, então, “transformados em parques e jardins.”⁵

As recordações de infância do personagem central mostram como a fronteira entre *cidade* e *mato* eram bem próximas, e como essa fronteira foi sendo afastada pelas transformações urbanas:

Benguela era uma vilória sem nada. A partir das oito da noite, as pessoas fechavam-se em casa com medo dos mundombes.⁶ (...) Em 1890 a cidade devia ser o conjunto de quintalões entre o mar e o princípio do bairro da Peça, com grandes vazios no meio. Para a Peça fomos viver. (...) Ainda na infância, lembro-me bem do

⁴ Pepetela, *Yaka*, p. 14.

⁵ Idem, p. 144.

⁶ Idem, p. 21.

rugido dos leões indo beber água no leito original do Corinje que mais tarde foi desviado para se criar o centro da cidade nova.⁷

A evocação das brincadeiras com outros miúdos e com os burros que pastavam sossegados nos arredores, servem para que a cidade continue a ser mapeada: “O cemitério era fora da cidade, num morro calvo para o sul, para lá do Corinje. (...) O morro ia morrendo docemente para o sul, mas para o lado da cidade o morro terminava bruscamente numa ravina.” A descrição do local não é gratuita, mas necessária para que possa ser ali encenado o tombo sofrido por Alexandre. “Rebolou na encosta, por cima dos tabaibos, misturou berros com picos com poeira, até bem no fundo da ravina. Não ficou muito ferido porque o terreno tinha muita areia.”⁸ Se pensarmos na proposta de Osman Lins⁹ para o espaço romanesco, como ele não funciona se considerado como um item estanque, mas deve ser percebido em suas relações com as personagens e suas ações, podemos notar como isso de fato acontece, não só nesta passagem, mas em muitas outras, ao longo do livro. Teremos oportunidade de indicar mais algumas.

Comerciantes, exportadores, despachantes

Com os ingleses patrulhando os mares e exigindo o cumprimento dos tratados contra o tráfico de escravos, já havia acontecido uma mudança: “O comércio prosperava (...) Novas lojas abriam nas casas baixas de adobe caiadas de amarelo.” A cidade recebia caravanas trazendo produtos do interior (borracha, principalmente) e cuidava de enviá-los para o exterior.

Mas nova crise atinge a economia local: a queda do preço da borracha, com reflexos na ordenação urbana: “O centro da cidade se

⁷ Idem, p. 15.

⁸ Idem, p. 46. Vale também para a citação anterior.

⁹ Osman Lins, *Lima Barreto e o espaço romanesco*.

moveu sub-repticiamente para a zona da Alfândega, onde se decidiam os preços da borracha.”¹⁰

Transportes: a ferrovia

A notícia da futura construção do “Caminho de Ferro de Benguela” pelos ingleses enche de esperança os comerciantes locais. Acreditam que o desenvolvimento da cidade será inevitável, pois esperam também, junto com a ferrovia, a construção de um porto. Mas os ingleses, indiferentes a tais esperanças, atentos aos seus próprios interesses, escolheram outro local para porto e início da ferrovia: “uma baía muito fechada que ficava uns trinta quilômetros ao norte. Era um porto quase gratuito, bastavam uns cais. (...) Chamada Olupito pelos carregadores das caravanas, virou Lobito.”¹¹

Contrariados, unem-se aos comerciantes, “exportadores e despachantes, o que só acontecia quando havia guerra.” Brado coletivo condena a escolha que contraria seus interesses: “— Lobito! Uma terra para cafres, só cheira a podre, com mosquitos e caranguejos. Esse vai ser o nosso porto?” Um claro temor assombra a todos: “— Benguela vai desaparecer (...) O Lobito é que vai ser uma grande cidade.”¹²

Mas esses temores não se concretizam. A construção da ferrovia começa, e logo “já se podia andar de Benguela para o Lobito. (...) toda a população foi ao Lobito, aproveitando as primeiras viagens gratuitas.” Interessante perceber aqui a introdução de um elemento característico da moderna cultura urbana: a velocidade. “Era tão rápido, tão rápido, que a mãe e eu íamos cheios de medo.” E a ainda mais rápida adaptação demonstrada pelos cidadãos, representados na atitude do pequeno Alexandre Semedo: “Na viagem de regresso já não tive medo.”¹³

Se lembrarmos do carro bôer com que Óscar Semedo, a mulher e o filho recém-nascido chegaram à cidade, os carregadores a pé e os

¹⁰ Idem, p. 24. Vale também para a citação anterior.

¹¹ Idem, p. 54. Vale também para a citação anterior.

¹² Idem, p. 55. Vale também para as citações anteriores.

¹³ Idem, p. 62. Vale também para as citações anteriores.

carros de bois das caravanas, notaremos o salto de desenvolvimento como núcleo urbano que teve Benguela, quando, superadas as inúmeras dificuldades para galgar (com os trilhos e com as composições) as ladeiras, o comboio passou a fazer ligação entre a costa e o planalto.

Novos espaços e relações urbanas

Um local do espaço urbano que merece menção é a taberna de São Lima. Espaço incidental por excelência, juntamente com as ruas, é na taberna que a cidade se manifesta, debatendo coletivamente as questões que a afligem. Mas lembremos que este não é um espaço livre para todos os habitantes: é um espaço para homens brancos, os tais comerciantes, exportadores, despachantes. Nele só se admite um negro como Tuca, pela circunstância dele estar no comando de um pelotão de guerra preta que vai combater nativos rebelados, em ataque a colonos. Podemos dizer que a taberna é um espaço do colonizador. A exceção fica por conta de Acácio, o barbeiro e anarquista branco que descontenta a elite branca a ponto dela desejar (e alcançar) ver-se livre dele.

Seu comba, no quintalão da mulata Ermelinda, ex-amante do morto, marca o espaço do colonizado. Ali a outra parte da população da cidade se reúne para festejar “o único branco que defendia os negros.”¹⁴ E esse espaço, naquela situação de regime colonial, não poderia ser consentido. Daí os “polícias, auxiliados por alguns brancos (...) irem acabar com a festa à força de porrinhos.”¹⁵ Apesar disso, e de qualquer modo, fica também assinalado, na representação da cidade, o espaço da resistência.

Mas a cidade continua se modificando. A morte de Acácio dá-se em 1917 e nesse ano também, ou perto, mais um índice da modernidade alcança Benguela, apesar da incompetência da administração municipal:

¹⁴ Idem, p. 84.

¹⁵ Idem, p. 90.

Tinham montado a eletricidade e posto candeeiros públicos nas ruas. Demorou vinte anos a tomar a decisão. Puseram as lâmpadas só, sem proteção. Agora havia os candeeiros, não havia na mesma luz. Os miúdos, com as xifutas, tinham alvo tentador nas lâmpadas. A Câmara esperava que quase todas as lâmpadas estivessem partidas, para mandar vir mais da Europa. Com as esperas, dava tempo para se partirem todas enquanto não chegavam as novas. Depois o ciclo recomeçava com as lâmpadas novas.¹⁶

Já nesse tempo Alexandre Semedo andava de bicicleta pelas ruas pouco iluminadas, desfrutando assim da primeira possibilidade de veículo de transporte individual.

Novos tempos, nova moradia

Em novo salto temporal, o romance se desloca para a década de 1940. E o desenvolvimento da cidade parece alcançar também o comerciante inimigo dos riscos. Até Alexandre Semedo, com sua timidez para as ousadias que geram fortunas, prospera. Compra um sobrado,

um sapalalo, com cinco quartos e uma imensa sala. Varandas nos dois lados e atrás. À frente, para a rua, a varanda era no piso superior. Coisa linda, esse sapalalo em ruínas. (...) Alexandre arrematou o sapalalo por preço irrisório. As economias ainda lhe deram para restaurar a casa. O sapalalo tinha-o promovido à categoria de comerciante com casa própria, loja e residência.¹⁷

Assinalamos o sapalalo neste esboço apenas para evidenciar a prosperidade de seu morador, índice do desenvolvimento econômico mais geral. Continuaremos a perseguir as indicações pertinentes ao espaço público e coletivo. Não trataremos do espaço residencial, privado, para não estender excessivamente este trabalho.¹⁸

¹⁶ Idem, p. 111.

¹⁷ Idem, p. 129.

¹⁸ Para um estudo mais centrado no sapalalo e nas relações entre *cidade* e *mato*, também presentes no romance, ver o artigo “O sapalalo ou uma casa entre dois mundos em Benguela”, de Laura Cavalcanti Padilha, in Jorge Fernandes da Silveira (org.), *Escrever a casa portuguesa*, p. 351-363.

Temos agora um filho de Alexandre Semedo, o valentão e atrabiliário Aquiles Aragão Semedo. Além de futebolista e espancador de adversários, procedimentos típicos das aglomerações urbanas, Aquiles é funcionário da administração municipal. Pelas referências a seu trabalho vamos vendo o saneamento básico, pelo menos a rede de água encanada, se expandir por Benguela:

O trabalho chato dele era esse de estar sentado à sombra duma acácia e, de vez em quando, lembrar de xingar os negros para fazerem a empreitada.¹⁹ (...) O trabalho era abrir a vala para depois se fazer a ligação de água da casa em construção à rede da cidade. Havia ainda que se pôr os tubos, fazer as ligações e tapar a vala.²⁰

O estabelecimento de São Lima também mudou. Deixara de ser taberna, passara a

(...) bar mais freqüentado da cidade (...) o Lima, embora um pouco marginal, lá para perto da praia. A maior parte da população morava mais para dentro da cidade, mas o hábito e os aperitivos de Lima mantinham a freguesia.²¹

Transportes: aéreo, rodoviário

Sem o estrépito e a celeuma que causou o aparecimento da ferrovia na região, mas sublinhando a constante repressão (“meteram uma avioneta a metralhar os cafres”) que se faz necessária para combater as crônicas revoltas dos colonizados, introduz-se mais um elemento de modernidade no espaço urbano:

“Benguela” era a avioneta comprada o ano passado por subscrição pública, para instrução de voo. A população se cotizou, construiu o campo da aviação, criou o Aero-Clube e comprou a avioneta.

¹⁹ Pepetela, *op. cit.*, p. 137.

²⁰ Idem, p. 140.

²¹ Idem, p. 139.

Sublinhemos que a avioneta *Benguela* não é a mesma utilizada para metralhar os rebeldes. Essa, segundo um personagem, “veio de Luanda de propósito. É maior e tem uma metralhadora.”²² O que demonstra como os ares da região vão sendo ocupados por mais estes aparelhos (da velocidade e da destruição).

Também começam a se fazer presentes os automóveis. O cortejo fúnebre de Ernesto é feito nesses veículos. Aquiles e sua turma de caçadores, quando vão à procura dos mucubais, vão na “carrinha do Costa” e na “do Marques Lopes”²³ Na parte seguinte do romance, já na década de 1960, os automóveis passam a ser motivo de exibição social e inveja. É pela evidência dos automóveis que a nora de Alexandre Semedo, Matilde, falando em nome de seu marido Orestes, avalia o enriquecimento de Bartolomeu, também genro do velho. Lembremos que “espada”, segundo nota da editora ao texto é “grande carro americano; rabo-de-peixe”²⁴:

“— O Orestes anda muito preocupado e quis falar consigo sobre o seu genro. O Orestes pensa que é demais. Tem esse espada, já fala em comprar outro carro para o Heitor (...)”²⁵.

Salto para o século XXI

Como acreditamos já ter feito um esboço pelo menos suficiente da expansão e transformações da cidade de Benguela, tal qual pode ser entrevista no romance em exame, acompanhemos em um ou dois pontos já examinados a Benguela pós-independência, tal como pode ser percebido no outro romance de que prometemos nos ocupar: *Jaime Bunda e a morte do americano*.

Neste romance satírico, espécie de paródia aos romances policiais, segundo de uma série iniciada com *Jaime Bunda agente secreto*, em que a figura do bófia de grande mataco é apresentada ao leitor, a ação

²² Idem, p. 159. Vale para as citações anteriores.

²³ Idem, p. 163.

²⁴ Idem, p. 224.

²⁵ Idem, p. 225.

ocorre quase trinta anos após o final de *Yaka*, em 1975, com a independência e o início do ciclo de guerras civis. Agora Jaime é mandado de Luanda a Benguela para investigar a misteriosa morte de um americano naquela cidade.

Para comparar a situação urbana de Benguela deste romance com a cidade que deixamos no romance anterior, acompanhemos um dos personagens, Júlio Fininho, uma espécie de marginal apreciador de trens, e aproveitemos para examinar a situação da nossa já conhecida ferrovia:

(...) Júlio apanhava o comboio e ia até ao Lobito, uma meia hora de deleite total. Pouco lhe importava que os bancos de madeira estivessem todos sujos e partidos, cujas lascas podiam ferir as pernas e as costas. Pouco lhe importava que as pessoas se amontoassem aos magotes, com cestos de legumes ou sacos de peixe, pelos corredores. E rudemente o mandassem levantar para dar lugar às mamãs que faziam negócios na linha. Era uma viagem de prazer em qualquer circunstância.²⁶

A situação de beligerância civil determinava que a ferrovia só operasse “o trajecto Benguela-Lobito”, deixando inativos “os mil e trezentos outros quilómetros”, ou seja, não havia mais a ligação com o planalto. Mas, quando se inicia a ação do romance, está “acabada a guerra” (e por isso sabemos que o tempo da ação é 2002, pelo menos) e “já o comboio fazia o trajecto até o Huambo.” ²⁷ O que foi, em seus inícios, índice de modernização e avanço tecnológico, mostra agora o seu caráter de, como diria Beatriz Sarlo, “modernidad periférica”, mas que vai muito além de qualquer coisa que ela tenha escrito a respeito de Buenos Aires nas décadas de 1920 e 1930.²⁸ Em Angola o caráter moderno acentuou-se, por exemplo, com a presença da parafernália eletrônica (computadores, celulares) mais avançada, mas o caráter periférico continua devidamente marcado, ainda mais num país que além de ocupar essa posição na chamada ordem econômica mundial,

²⁶ Pepetela, *Jaime Bunda e a morte do americano*, p. 37.

²⁷ Idem, p. 38. Vale para as citações anteriores.

²⁸ Beatriz Sarlo, *Una modernidad periférica: Buenos Aires 1920 y 1930*.

ainda estava lidando com o rescaldo de perto de quarenta anos de guerra. A parafernália eletrônica está presente, mas o abastecimento de energia elétrica, para sua utilização, ainda é bastante precário.

Lembremos ainda o choque entre essa modernidade econômica e um comportamento provinciano, alicerçado num certo localismo mesquinho. O engenheiro americano, quando ainda está se acomodando na região, ele que veio “para montar um grande empreendimento industrial, importantíssimo para a fase de arranque económico da cidade”, “ofendeu logo os ouvidos bairristas do vice-governador ao afirmar para início de conversa pensar instalar-se no Lobito”, fazendo-o enumerar razões contra aquela possibilidade que incluem uma péssima avaliação também (não bastasse a ferrovia) das ligações rodoviárias:

Porquê ficar a 30 km de distância, num Lobito que pouco comércio e vida tinha, obrigado a vir todos os dias à capital para tocar o empreendimento para a frente tendo de enfrentar perigosa estrada estreita e por vezes esburacada? Isto para não falar de umas pontes prontas a ruir a qualquer momento, pela eterna falta de verbas para a manutenção.²⁹

Além desse quadro calamitoso do entorno da malha de transportes em Benguela, o trecho nos permite introduzir nosso tema final neste esboço, que já vai se alongando um pouco demais. O narrador menciona o bairrismo do vice-governador, aquilo que chamamos de localismo mesquinho, bairrismo que parece afetar boa parte dos habitantes da cidade.

Rivalidades interurbanas

A primeira oposição de cidades, entre Benguela e Lobito se expressa, por exemplo, na disputa entre os órgãos locais de imprensa:

²⁹ Pepetela, *Jaime Bunda e a morte do americano*, p. 11.

(...) “O Lobitanga”, um trissemanário publicado na vizinha cidade de Lobito, concorrente do “Acácias Rubras”, publicado em Benguela. “O Lobitanga” saía às terças, quintas e sábados, enquanto o “Acácias Rubras” saía as segundas, quartas e sextas. Concorrentes e adversários, se um defendia a direita o outro ia logo para a esquerda, mesmo sem perguntar qual era o caminho.³⁰

Mas a divergência entre Benguela e Lobito é apenas uma rivalidade de parentes próximos, em que a primeira cidade nem se empenha muito, talvez porque se sinta superior. Basta ver as vantagens e comodidades que o vice-governador oferece ao americano, ou a menção aos “historiadores benguelenses, conhecidos por estarem sempre a puxar a brasa para o seu carapau, peixe mais consumido na região do que a vulgar sardinha do refrão”³¹ (...). A grande rivalidade de Benguela é, nem poderia deixar de ser, com Luanda.

A primeira alfinetada contra a capital é dada logo que corre a notícia da morte do americano. “Alguém teve o cuidado de avisar a embaixada americana em Luanda e as autoridades centrais. Felizmente os telefones estavam a funcionar, o que nem sempre acontecia, *apesar das promessas repetidas em visitas de ministros a Benguela.*”³²

O outro lado da rivalidade, Luanda desprezando Benguela, já aparece no momento em que Jaime Bunda, que nunca havia saído da capital, nunca havia viajado de avião, nunca havia se hospedado nem comido um matabicho de hotel, ao ver “aquelas casas baixas e amarelas, aquele chão sem verde, os morros despídos, apenas com um outro tufo de capim na calva cabeça, tudo lhe dava uma sensação de deserto” e, muito importante, “saudades imediatas de Luanda.”³³

Essas saudades serão, logo adiante, explicadas pelo narrador desta maneira:

Pura reacção de caluanda quando enfrenta o mundo. Nada o espanta, *tudo é parecido ou inferior ao que há de pior na terra*

³⁰ Idem, p. 51.

³¹ Idem, p. 13.

³² Idem, p. 10. Itálico nosso.

³³ Idem, p. 23.

natal, mesmo um assombro de beleza de terra como é Benguela para ele não se compara a um reles Marçal ou qualquer beco da capital do mundo, a cidade que ofusca a das luzes, a Manhattan hiperbolizada de África, numa palavra, Luuanda.

Esse irônico retrato do caluanda em viagem até mimetiza o modo de falar dos habitantes da capital, alongando o fonema /u/, da maneira feita por José Luandino Vieira no título de um seu famoso livro de histórias.³⁴ Tal postura nos autoriza a pensar que também o narrador adere a Benguela contra Luanda, mas essa impressão se desfaz em seguida. Mergulhamos aqui num jogo formal em que narrador se distingue do autor, evocando procedimentos já vistos no livro anterior³⁵ em que aparece o bôfia Jaime.

Aproveito aqui uma das ausências intelectuais do autor, frequentes a partir de certa época da vida, em que se começa a cochilar mais tempo do que se está acordado, para explicar aos leitores que terei de exagerar nas belezas da terra benguelense, para não sofrer humilhações. Já me aconteceu ser demitido das minhas funções de narrador por escrever coisas que ele não apreciou. É certo que depois reconsiderou e me deu nova possibilidade. Mas para prevenir possíveis percalços, vou sempre pintar Benguela com as mais vistosas cores e o rival Lobito ou *a rivalíssima Luanda* com as piores cores de todas, misturando cinza e terra molhada com cocó de cão, mesmo se cada uma delas tem baías que não existem em parte nenhuma do Mundo.³⁶

E agora, a presumível verdadeira opinião do narrador a respeito de Benguela:

Adivinho o despertar dele, pelo menos entreabriu os olhos. Rezemos para que não se lembre de reler o que ficou para trás. E falemos bem da horrível cidade sulana, parada e sem graça, com um tempo húmido e quente, gente sem humor, seguidista, um fim de mundo para onde me atirou e cuja existência só se justifica para colónia penal, aliás como nasceu.³⁷

³⁴ José Luandino Vieira, *Luuanda*.

³⁵ Pepetela, *Jaime Bunda agente secreto*.

³⁶ Pepetela, *Jaime Bunda e a morte do americano*, p. 25. Vale para a citação anterior. Itálicos nossos.

³⁷ Idem, p. 26.

Parece haver aqui uma brincadeira a partir do fato de ter o autor real do romance, nascido em Benguela. Como na impressão que tivemos, e mencionamos anteriormente, também o narrador parece pensar que, por ser o autor natural da cidade, não consentirá em que se fale mal dela. E, secretamente, o narrador parece preferir, como aliás pelo menos um quarto da população de Angola, Luanda, a grande capital que ofusca todas as outras cidades.

Há vários outros momentos e passagens em que a rivalidade entre os núcleos urbanos volta à tona do romance, mas penso que o jogo metanarrativo apontado seja suficiente para demonstrar como a questão é tratada no romance.

Palavras finais

Este esboço de estudo talvez nos permita afirmar que Luanda não é o único cenário possível para a ficção angolana, muitas outras obras situam-se em lugares diversos, mas, nesse pequeno passeio pela Benguela literária, não deixamos nunca de sentir, nem em *Yaka*, menos ainda em *Jaime Bunda e a morte do americano*, a presença permanente de Luanda sobre nós.

Talvez pudéssemos dizer aos benguelenses que pelo menos num texto a cidade deles é mencionada (juntamente com a Catumbela, no meio do caminho entre Benguela e Lobito) e de Luanda não há nem sinal. É na letra da canção “Morena de Angola”³⁸, de Chico Buarque de Holanda. Mas um advogado caluanda poderia alegar que a menção ao MPLA, na letra, é uma metonímia de Luanda. Afinal, perguntaria o advogado, onde foi que o MPLA surgiu?

Referências bibliográficas:

³⁸ “(...) Será que ela tá caprichando / no peixe que eu trouxe de Benguela / Será que tá no remelexo / e abandonou meu peixe na tigela // (...) // Morena de Angola que leva o / chocalho amarrado na canela / Eu acho que deixei um cacho / do meu coração na Catumbela // Morena de Angola que leva o / chocalho amarrado na canela / Morena, bichinha danada / minha camarada do MPLA” Chico Buarque de Holanda. Libreto do CD duplo *Carioca ao vivo*. p. 7.

- LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*, São Paulo: Ática, 1976.
- MACEDO, Tania, *Uma cidade e sua escrita: a representação literária de Luanda*, Tese de Doutorado (Livre Docência) apresentada à Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2004.
- PADILHA, Laura Cavalcante. "O sapalalo ou uma casa entre dois mundos" in SILVEIRA, Jorge Fernandes da (org.). *Escrever a casa portuguesa*, Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- PEPETELA. *As aventuras de Ngunga*. 4ª. edição. Coleção Autores Africanos 3. São Paulo: Ática, 1987.
- _____. *A geração da utopia*. 3ª. edição. Lisboa: Planeta De Agostini, 2000.
- _____. *A gloriosa família: o tempo dos flamengos*. 4ª. reimpressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [2005].
- _____. *Jaime Bunda agente secreto: histórias de alguns mistérios*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- _____. *Jaime Bunda e a morte do americano*. 2ª. edição. Lisboa: Dom Quixote, 2004.
- _____. *Lueji o nascimento de um império*. 3ª. edição. Lisboa: Dom Quixote, 1997.
- _____. *Mayombe*. Coleção Autores Africanos 14. São Paulo: Ática, 1982.
- _____. *O cão e os caluandas*. 5ª. edição. Lisboa: Dom Quixote, 2002.
- _____. *O desejo de Kianda*. 2ª. edição. Lisboa: Dom Quixote, 1997.
- _____. *Parábola do cágado velho*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- _____. *Predadores*. 3ª. edição. Lisboa: Dom Quixote, 2006.
- _____. *Yaka*. Prefácio: Antonio Callado. Coleção Autores Africanos 23. São Paulo: Ática, 1984.
- SARLO, Beatriz. *Una modernidad periférica: Buenos Aires 1920 y 1930*, Buenos Aires: Nueva Visión, 1988.
- VIEIRA, José Luandino. *Luuanda*, São Paulo: Ática, 1982.

Referência discográfica:

- HOLANDA, Chico Buarque. "Morena de Angola" CD 1, Faixa 3, in CD duplo *Carioca ao vivo*. Brasil: Biscoito Fino, 2007.